

Consumo de álcool e seus efeitos no desempenho escolar¹

António Castro Fonseca

O consumo de álcool e o insucesso escolar são dois dos maiores problemas com que os jovens se vêm, desde há muito, confrontados em vários países e, de modo particular, em Portugal. Embora esses dois problemas apareçam frequentemente associados, pouco se sabe ainda, ao certo, sobre o sentido dessa relação.

O objectivo deste estudo é analisar os efeitos de diversos padrões de consumo de álcool sobre o desempenho académico na adolescência, em Portugal. Utilizaram-se para esse efeito os dados de um estudo longitudinal em que uma amostra de alunos das escolas públicas do ensino básico de Coimbra foi seguida desde os primeiros anos do ensino básico até aos 17-18 anos de idade.

As informações sobre o consumo de álcool foram recolhidas através da resposta a quatro perguntas inseridas num questionário de auto-avaliação de comportamentos anti-sociais. Por sua vez, as informações sobre o desempenho académico foram obtidas por meio de uma entrevista aos jovens aquando da sua avaliação aos 17-18 anos e através de dados recolhidos nas escolas que, no follow-up, eles frequentavam.

Os resultados revelaram que o consumo de álcool já ocorria com alguma frequência nos primeiros anos do ensino básico, aumentando progressivamente, com a idade, até se tornar um fenómeno quase normativo no fim da adolescência, sobretudo entre os rapazes. No que se refere aos efeitos negativos do consumo de álcool, não se encontraram diferenças significativas no desempenho escolar entre os que nunca consumiram álcool e os que o experimentaram alguma vez. Além disso, quando se compararam os indivíduos que apresentavam padrões de consumo mais graves (v.g. consumo de início precoce, embriaguez ou consumo persistente) com o resto da amostra, obtiveram-se diferenças estatisticamente significativas a nível das repetências; mas essas diferenças desapareciam uma vez controlado o efeito de outros factores da infância, designadamente as dificuldades de aprendizagem reportadas pelos professores ou os problemas de atenção.

No conjunto, estes resultados parecem apoiar a ideia de que o consumo de álcool, sobretudo o consumo ocasional e moderado, não afecta significati-

¹ Trabalho realizado no âmbito do grupo de investigação Desenvolvimento Humano e Comportamentos de Risco do Centro de Psicopedagogia - FEDER/160-490: POCI 2010.

vamente o desempenho escolar dos jovens. Seria interessante verificar se este padrão de resultados se mantém quando se estudarem formas mais graves de consumo de álcool, designadamente nos casos de dependência ou alcoolismo juvenil, ou quando avaliaram novamente os mesmos indivíduos no início da idade adulta.

1. Introdução

O consumo de bebidas alcoólicas é um fenómeno quase universal, desempenhando, nalguns países, um papel muito importante na economia nacional. É o que sucede em Portugal, onde o comércio do álcool representa uma percentagem significativa das nossas exportações e constitui fonte de emprego para milhares de pessoas. Além disso, o consumo dessas bebidas ocupa um lugar de destaque nas nossas tradições gastronómicas e é um elemento quase obrigatório em muitos eventos recreativos e sociais.

Todavia, o seu consumo abusivo pode também implicar pesados custos para o consumidor e par a sociedade. A lista das suas consequências nocivas está, aliás, bem documentada em numerosos trabalhos científicos e inclui acidentes rodoviários, violência sexual, problemas de adaptação no trabalho, negligência das obrigações familiares, desordens em lugares públicos e diversos problemas de relacionamento interpessoal. Outras consequências negativas regularmente referidas na literatura da especialidade têm a ver, mais directamente, com a saúde física e mental do consumidor: problemas de memória, diminuição de certas capacidades cognitivas, dificuldades de concentração, problemas de fígado, problemas cardiovasculares ou vários sintomas fisiológicos ligados à ressaca e à fase de abstinência que aparecem após longos períodos de consumo intenso.

No caso das crianças e dos adolescentes, estas consequências podem ser particularmente graves, uma vez que eles não atingiram o nível de desenvolvimento dos adultos (v.g. na maturidade social, na experiência de vida ou no desenvolvimento neuropsicológico) nem dispõem ainda dos seus factores de protecção (v.g. família, emprego, ou rede alargada de relações sociais). Por isso, o consumo de álcool pelos mais novos pode, se não for devidamente controlado ou vigiado, transformar-se facilmente num flagelo social. Por exemplo, nos Estados Unidos da América, “o álcool aparece associado a acidentes rodoviários, ferimentos não intencionais, homicídios e suicídios nas idades entre os 10 e os 24 anos” (Vieira et al., 2007). Além disso, o consumo abusivo de álcool nessa fase da vida pode representar o início de uma trajectória que conduz à dependência ou, ainda, afectar seriamente o processo de formação da sua própria identidade pessoal.

Esta consciência, cada vez mais crítica, das consequências negativas do consumo do álcool pelos jovens tem sido acompanhada por intenso debate político, em vários países, sobre a idade legal para o consumo de álcool em público, sobre o efeito moralizador de novos impostos sobre o álcool (de modo a torná-lo menos acessível aos mais jovens) ou sobre a necessidade de se reforçar a publicidade relativa aos seus malefícios. Paralelamente, diversos esforços têm vindo também a ser feitos para esclarecer os processos pelos quais essas consequências nocivas aparecem e para desenvolver programas para as neutralizar ou, pelo menos, prevenir. Tais esforços encontram-se bem documentados em diversos relatórios produzidos por organizações nacionais e internacionais (Instituto da Droga e da Toxicodependência, Organização Mundial de Saúde, Comunidade Europeia...) sobre o consumo do álcool e outras drogas lícitas ou ilícitas bem como no crescente volume de estudos científicos sobre os factores de risco de consumo abusivo de álcool e suas consequências em diferentes fases do desenvolvimento do indivíduo (Rassool, 2009).

Um aspecto que, nesse contexto, tem sido relativamente descurado é o dos possíveis efeitos negativos do álcool sobre o desempenho escolar das crianças e adolescentes, apesar de, há já mais de um século, se encontrarem autores a alertar para esse perigo (cfr. Donovan et al., 2004; Warner, 1998). Além disso, os resultados das investigações disponíveis sobre esse tema são, frequentemente, inconsistentes. É essa a conclusão a que, numa recente revisão da literatura, chegam McCluskey e colaboradores (2002), quando afirmam:

“Dadas as inconsistências na investigação até agora efectuada, são necessárias mais pesquisas para se explorar o eventual efeito mediador das transições precoces na relação entre consumo de droga e a conclusão dos estudos secundários” (p.924). Contradizendo uma crença bastante generalizada neste domínio, segundo a qual o consumo de álcool afectaria muito negativamente o desempenho escolar dos alunos, alguns autores sugerem que é, antes, o insucesso escolar que conduz ao consumo de bebidas alcoólicas. Outros, ainda, defendem que tanto o seu consumo como o fraco desempenho académico na adolescência fazem parte de uma mesma síndrome geral de problemas do comportamento ou de conduta desviante (Bachman et al., 2007). Por outras palavras, o sentido da relação entre consumo de álcool e o desempenho académico dos jovens está ainda longe de esclarecido.

Factores de ordem muito diversa podem ter contribuído para este estado de coisas. Alguns deles têm a ver com a falta de rigor ou clareza conceptual na definição dos próprios termos. Na verdade, a maneira como são operacionalizados os conceitos de consumo de álcool (v.g. *ligeira* vs *grave*) ou de desempenho escolar (v.g. *repetências*, *abandono escolar*, *resultados em provas estandardizadas*...) nem sempre são equivalentes nos diversos estudos. Outros factores (igualmente importantes mas menos explorados

até agora) são de natureza cultural. É sabido, por exemplo, que as atitudes, práticas e valores ligados ao consumo de bebidas alcoólicas variam muito de uma cultura para a outra e, por vezes, de uma época para a outra dentro do mesmo país. *Mutatis mutandis*, o mesmo se poderia dizer das atitudes e expectativas em relação ao desempenho escolar. Assim, a ideia de que as crianças se devem abster totalmente do consumo de bebidas alcoólicas parece ser relativamente recente (Warner, 1998). Nalguns países, continua a haver uma iniciação informal ao consumo do álcool, feita desde cedo mas de maneira controlada, na própria família. Ora estas variáveis terão de ser tidas em conta quando se realizarem estudos sobre o efeito do álcool no desempenho académico ou sobre noutros aspectos do funcionamento das crianças e dos jovens. É possível que as suas consequências não sejam as mesmas em todas as culturas nem em todos os períodos da história nem em todos os níveis de escolaridade. Outros factores, ainda, terão a ver com questões metodológicas. De facto, muitos dos estudos existentes sobre a relação entre consumo de álcool e desempenho escolar, têm-se concentrado, sobretudo, em amostras de estudantes universitários ou dos últimos anos das escolas secundárias, prestando-se pouca atenção aos alunos dos primeiros anos de escolaridade. Além disso, muitos deles são estudos de inquérito, consistem numa única recolha de dados, e utilizam, muitas vezes, métodos retrospectivos, orientados antes de mais para as taxas de prevalência do consumo de álcool ou do insucesso escolar. Os raros estudos longitudinais prospectivos disponíveis têm geralmente início apenas na adolescência, ou mais tarde. Há, assim, pouca informação sólida sobre a maneira como as crianças experimentam as bebidas alcoólicas, quando é que o consumo se torna perigoso ou até que ponto o seu efeito varia em função da idade ou do meio. Como notam Donovan e colaboradores (2004) “não só não dispomos de inquéritos sobre a prevalência de álcool nas crianças como também não possuímos sólidos conhecimentos científicos acerca dos factores de risco para o começo precoce do consumo de bebidas alcoólicas na infância” (p.341).

Essa lacuna é ainda mais saliente quando se trata de analisar a relação específica entre consumo de álcool e o desempenho escolar. A este propósito Bachman e colaboradores (2007) concluem, no fim de uma breve revisão da literatura que, embora seja claro que o consumo de álcool e o desempenho escolar andam associados, esta associação parece variar ao longo do desenvolvimento e em função das amostras ou grupos (p.23).

É certo que alguns estudos recentes têm posto em evidência que o consumo de droga diminui o envolvimento dos jovens nas actividades ou no desempenho académicos (Engberg & Morral, 2006) e que uma intervenção destinada a tratar o abuso de droga pode conduzir também a um maior empenhamento na escola entre adolescentes com consumo intenso ou abusivo dessa substância. Ou seja, a diminuição do consumo de

drogas produzirá melhorias no rendimento escolar. Mas, ao mesmo tempo, esses investigadores reconhecem que os mecanismos pelos quais o consumo de droga influencia o desempenho académico podem variar em função da natureza das amostras de adolescentes (clínica vs comunidade) e dos aspectos do desempenho académico que se estudarem (assiduidade às aulas vs aproveitamento escolar ou obtenção de diplomas de fim de estudos). Ora, se é verdade que o consumo abusivo de drogas pesadas pode afectar seriamente as capacidades cognitivas do adolescente e, assim, comprometer desde cedo o seu rendimento escolar, o consenso sobre esse ponto é menor quando se trata do simples consumo moderado de álcool. Além disso, há dados a indicar que um tal efeito depende do concurso de vários outros factores que, geralmente, andam, desde cedo, associados com o consumo de droga (King et al., 2004). Pode-se, pois, dizer que o problema dos efeitos do consumo de álcool sobre o desempenho escolar das crianças e dos adolescentes não foi ainda devidamente explorado, sobretudo na população mais jovem. O objectivo do presente artigo é examinar as relações entre o consumo de bebidas alcoólicas e os problemas de aproveitamento escolar em crianças e jovens portugueses. Subsidiariamente, apresentam-se alguns dados sobre a prevalência do consumo de álcool (numa vasta amostra de alunos do ensino regular), sobre a sua continuidade e descontinuidade da infância à juventude, bem como sobre o aparecimento e a evolução das diferenças sexuais neste domínio. Mais concretamente, as questões aqui analisadas são as seguintes: Qual a prevalência do consumo de álcool na infância e na adolescência? Quais os seus padrões de desenvolvimento com a idade, tanto nos rapazes como nas raparigas? Haverá mais riscos de insucesso, de abandono escolar e de dificuldades de aprendizagem entre os que consomem álcool? E quando é que o consumo de álcool se torna verdadeiramente problemático?

A resposta a estas questões é particularmente importante para a população portuguesa onde, por um lado, o cultivo, o consumo e o comércio das bebidas alcoólicas estão muito arraigados nas nossas tradições culturais e, por outro lado, o nível escolar da população se encontra ainda a uma considerável distância da média dos países mais desenvolvidos. Basta referir, a título de ilustração, que os dados do último relatório do ESPAD (European School Survey Project on Alcohol and other Drugs, 2007) revelam que Portugal ocupa o 4º lugar no consumo de vinho, encontrando-se igualmente num lugar de destaque entre os restantes países da Europa no que se refere ao consumo de outras drogas. E a situação não é muito mais brilhante a nível do desempenho académico, onde o nosso país aparece como um dos que apresentam as mais elevadas taxas de insucesso (Rebelo, 2009) ou de abandono escolar (Taborda-Simões, 2008) bem como uma das mais baixas taxas de pessoas com diplomas de estudos universitários (OECD, 2007; Diário de Notícias 28-04-09). Tais revelações têm ultimamente recebido considerável atenção dos políticos e dos vários órgãos

de informação social. Mas infelizmente, têm originado até agora pouca investigação científica, susceptível de apoiar futuros programas de intervenção.

Espera-se que as informações recolhidas e analisadas no âmbito deste estudo contribuam para identificar os grupos em maior risco de consumo abusivo de álcool (e/ou de fraco desempenho académico), bem como para organizar serviços ou programas, mais inovadores e mais eficazes, de tratamento ou prevenção destes dois flagelos sociais do nosso tempo.

2. Metodologia

As informações aqui apresentadas foram recolhidas no âmbito de um estudo longitudinal em curso, desde há vários anos, na Universidade de Coimbra sobre o desenvolvimento do comportamento anti-social e outros problemas com ele associados, nos jovens portugueses. Essa abordagem metodológica parece especialmente adequada à identificação dos principais factores de risco que, desde cedo, condicionam a evolução das crianças no domínio do consumo de álcool e no domínio do desempenho académico. De facto, só os estudos longitudinais permitirão estabelecer uma sequência temporal entre esses dois tipos de problemas e, assim, contribuir para mais facilmente determinar se um causa o outro, ou se eles são, ambos, simples expressões, concomitantes ou sucessivas, de uma mesma causa subjacente.

Participantes

A investigação envolvia originalmente três coortes representativas dos alunos que, em 1992-93, frequentavam as escolas públicas de Coimbra (Simões et al., 1995). A primeira era constituída por 448 alunos no 2º ano do ensino básico, a segunda por 445 alunos do 4º ano e a terceira por 658 alunos do 6º ano. A coorte mais nova foi, posteriormente, avaliada mais três vezes no follow-up enquanto que a coorte intermédia só foi reavaliada mais uma vez. A última avaliação destas duas coortes decorreu quando os seus membros tinham, em média, 17-18 anos de idade e deviam, em princípio, estar prestes a concluir o 12º ano de escolaridade. Refira-se também que, embora aquando da primeira avaliação estes alunos se encontrassem todos a frequentar escolas públicas, nas avaliações subsequentes vários deles já tinham mudado para escolas privadas ou para cooperativas de ensino daquela ou de outras regiões do país. E, aquando da última recolha de dados, muitos deles tinham já abandonado a escola ou, mesmo, o país. É sobre estas duas coortes que incide o presente trabalho.

Instrumentos

O método utilizado na recolha de dados foi quase sempre o questionário de auto-avaliação. A validade deste tipo de instrumentos é geralmente reconhecida (Aebi & Jaquier, 2008) e tem uma longa tradição (Fonseca & Taborda-Simões, 2004) na psicologia do desenvolvimento e, designadamente, no domínio das condutas desviantes que, por natureza, ocorrem longe da observação directa das autoridades ou dos adultos.

Consumo de álcool

Na avaliação do consumo desta substância utilizou-se uma subescala de quatro itens inseridos numa medida, mais geral, de comportamentos anti-sociais, preenchida pelos próprios alunos que participavam nas diversas fases de avaliação deste estudo (Loeber et al., 1989; 1998). Esses itens diziam respeito ao consumo de cerveja, vinho e bebidas destiladas, sendo as respostas a cada um deles cotadas numa escala de 0 (*nunca*) a 1 (*uma ou duas vezes*) e 2 (*várias vezes*). Assim, pelas respostas dadas cada participante podia receber uma pontuação que oscilava entre 0 e 8 pontos, nessa medida de consumo de álcool. O período a que esse consumo dizia respeito eram os 12 meses que precediam a data de cada avaliação.

Embora se registassem algumas variações entre a maneira como eram formulados os itens destinados aos mais novos e os que eram destinados aos mais velhos, essas medidas foram consideradas como equivalentes para efeitos deste artigo (cfr. Quadro em Apêndice). Na última avaliação das duas coortes, aos 17-18 anos de idade, havia também uma questão sobre o embriagar-se no último ano bem como várias perguntas relativas ao consumo de álcool nos últimos 30 dias e à quantidade de álcool consumida durante o mesmo período. Importa assinalar que, para certas análises, a escala de consumo de álcool foi utilizada como medida contínua, enquanto que para outras análises foi utilizada como medida dicotómica ou categorial.

Desempenho académico

O desempenho académico no fim da adolescência foi avaliado utilizando três indicadores, designadamente o número de negativas nos últimos 12 meses, as repetências, e o abandono escolar. Estas informações foram recolhidas nas últimas avaliações e eram geralmente fornecidas pelos próprios alunos, através de uma breve entrevista escrita, anexada ao questionário de problemas do comportamento para jovens (Achenbach, 1991). Sempre que possível, recolheu-se também informação das respectivas escolas para corroborar os dados fornecidos pelos alunos, designadamente no que se referia às repetências, à conclusão do 12.º ano ou ao abandono escolar.

Outras variáveis relevantes

A fim de se controlar se, de facto, existia um efeito independente e específico do consumo de álcool utilizaram-se também informações provenientes dos pais e professores, sobre as dificuldades de aprendizagem de cada aluno, sobre o nível socio-económico e cultural da família bem como sobre outras características dos alunos. Essas informações foram incluídas numa lista de perguntas anexas ao questionário de Achenbach (1991) para pais (CBCL) e professores (TRF), administrado aquando da primeira avaliação, no ensino básico. Outras questões suplementares foram colocadas em apêndice no Inventário de Problemas de Comportamento de Achenbach (1991) e nessa versão para os próprios adolescentes (YSR). As informações, por este meio recolhidas, deveriam permitir um teste mais rigoroso e completo de eventuais efeitos do consumo de álcool sobre o desempenho escolar dos participantes, uma vez controlado o efeito de outras variáveis concorrentes.

Procedimento

As informações fornecidas pelos alunos foram recolhidas geralmente nos estabelecimentos de ensino por eles frequentados, depois de obtidas as necessárias autorizações da família, das escolas e dos próprios jovens. As únicas excepções, aquando da última avaliação das duas coortes (aos 17-18 anos), diziam respeito aos sujeitos que já tinham abandonado a escola ou que, por qualquer razão, faltaram às aulas no dia da avaliação e, portanto, não preencheram os questionários. Para estes casos, arranjou-se uma nova entrevista individual, a qual se realizou na casa do jovem, no seu local de trabalho, num café, na viatura dos investigadores ou noutros sítios previamente combinados.

Por sua vez, as informações dos pais e dos professores foram recolhidas aquando da avaliação inicial das duas coortes através do preenchimento do questionário de Achenbach para pais (CBCL) e para professores (TRF), bem como o questionário de Conners para professores (Goyette et al., 1978), que incluíam várias questões suplementares sobre dados sociodemográficos da família e sobre características do trabalho/desempenho escolar do aluno. Os professores recebiam os seus questionários directamente das mãos dos investigadores, enquanto que os questionários para pais lhes eram levados pelos alunos em envelope fechado para que, depois de preenchidos, os devolvessem, igualmente em envelopes fechados, aos investigadores. Em todas as fases do estudo, garantiu-se aos participantes a confidencialidade das informações que lhes eram pedidas e salientou-se a importância da sua colaboração nesta “investigação sobre o desenvolvimento humano, na infância e na adolescên-

cia". Assim, apesar de consideráveis variações nas repostas às diversas medidas, a taxa de mortalidade experimental não excedeu, em geral, os 10% no que se refere ao desempenho escolar e ao consumo de álcool dos participantes. No entanto essa percentagem foi consideravelmente mais elevada em relação a outras variáveis.

3. Resultados

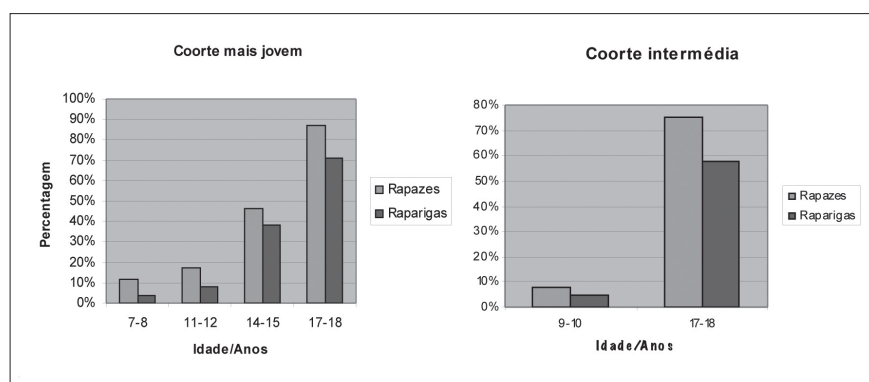
A primeira questão a ser aqui analisada diz respeito às prevalências em diferentes padrões de consumo de álcool e às suas variações em função do nível escolar/idade ou do sexo dos participantes.

3.1. Prevalências

Consumo no último ano

As prevalências do consumo de álcool dos 7 aos 18 anos de idade, na coorte mais jovem estão resumidas no Gráfico 1 e dizem respeito aos últimos 12 meses que antecedem cada avaliação. Por sua vez, no Gráfico 2 encontram-se as prevalências do consumo de droga para a coorte intermédia.

Gráfico 1 e 2. Prevalência do consumo de álcool, nos últimos 12 meses.

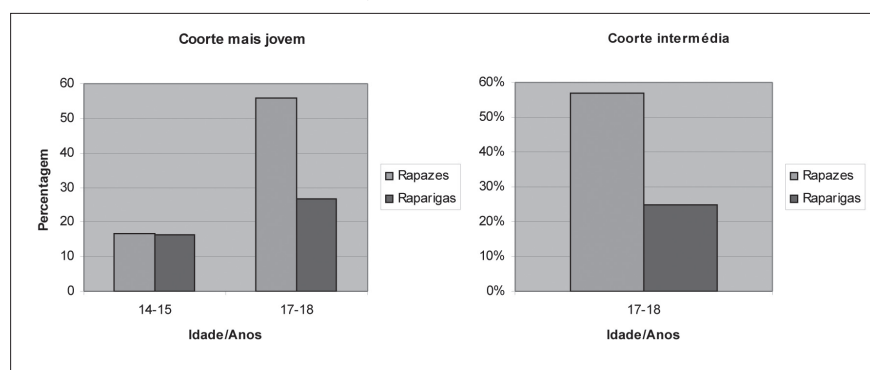


A análise destes gráficos revela um aumento progressivo, com a idade, do consumo de álcool da infância até ao fim da adolescência. Esse aumento é acentuado sobretudo a partir dos 14-15 anos de idade na coorte mais jovem bem como aos 17-18 anos de idade na coorte intermédia. É também notório que, com a idade, o número de rapazes

supera claramente o das raparigas no consumo de álcool. As percentagens mais elevadas de rapazes aparecem tanto ao nível do score total de consumo de álcool como em relação a cada tipo específico de bebida (cfr. Quadro 1, em Apêndice). Assim, de acordo com este quadro, o álcool mais consumido foi a cerveja, seguida de perto pelas bebidas destiladas. Em último lugar, mas ainda bem representado, aparecia o consumo do vinho. Padrões semelhantes de consumo têm sido aliás referidos noutros trabalhos recentes (Feijão e Lavado, 2004; Matos, 2007) sobre jovens portugueses, embora as metodologias utilizadas sejam bastante diferentes.

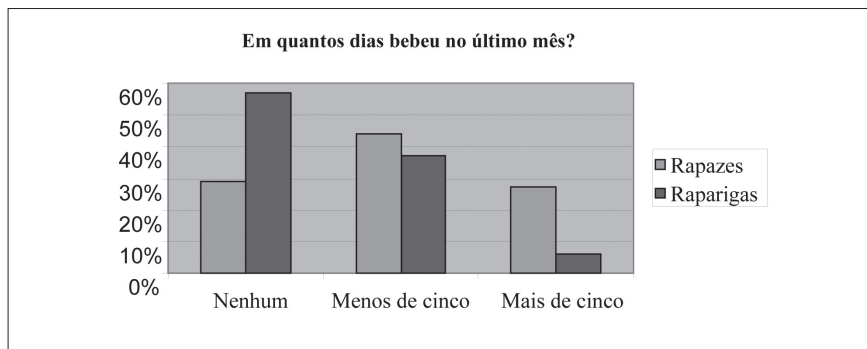
Por sua vez, nos Gráficos 3 e 4, apresentam-se as prevalências relativas à embriaguez no último ano, disponíveis apenas na terceira e na quarta avaliação da coorte mais jovem, e na segunda avaliação da coorte intermédia. Também aí se encontra o mesmo aumento progressivo deste tipo de consumo, bem como uma diferença, cada vez mais clara, entre os dois sexos.

Gráficos 3 e 4. Prevalência da embriaguez.



Torna-se evidente, à luz desses resultados, que o embriagar-se, pelo menos uma vez no último ano no fim da adolescência, é um fenómeno muito frequente, sobretudo entre os rapazes.

Finalmente, no Gráfico 5, encontram-se dados sobre a frequência (número de dias) com que os participantes da coorte mais jovem consumiram álcool no último mês, na coorte mais jovem. Da sua análise conclui-se que a percentagem dos que ingeriram bebidas alcoólicas durante mais de cinco dias é relativamente pequena, sendo esse grupo constituído sobretudo por rapazes. A grande maioria da amostra pertence ao grupo que consumiu álcool durante menos de 5 dias por mês ou que, simplesmente, se absteve do álcool durante esse período.

Gráfico 5. Consumo actual de álcool na coorte mais jovem.

No conjunto, estes resultados mostram que o consumo de álcool em Portugal está presente já nos primeiros anos do ensino básico, torna-se uma prática bastante comum nos anos intermédios da adolescência e pode ser descrita como comportamento quase normativo na fase de transição para a idade adulta. É de crer que muito desse consumo nesse período ocorre em lugares públicos, provavelmente em grupo, o que não deixa de ser surpreendente se tivermos em conta que, de acordo com a legislação em vigor no nosso país, não é permitido vender ou servir bebidas alcoólicas a menores de 16 anos de idade. Várias razões podem, aliás, ter contribuído para estas elevadas taxas de prevalência, sobretudo entre os rapazes: o fácil acesso a essas bebidas no nosso país, a sua aceitação cultural, a intensa publicidade em seu favor, os preços relativamente baixos ou até um certo laxismo na aplicação das leis que visam restringir o acesso ao álcool por parte dos menores. Mesmo assim, as prevalências por nós obtidas aos 14-15 anos de idade para o consumo de álcool ou para a embriaguez, são bastante mais baixas do que as reportadas no relatório do ESPAD (European School Survey Project on Alcohol and other Drugs, 2007) e em diversos outros estudos nacionais ou estrangeiros. É possível que tais discrepâncias resultem de diferenças metodológicas entre os vários estudos, designadamente a nível do *design* (transversal vs longitudinal), da heterogeneidade das idades dentro de cada amostra, da recolha de informações, das idades-alvo de cada avaliação e do número ou da natureza das questões colocadas.

3.2. Consequências do consumo de álcool

A questão central deste estudo era analisar os eventuais efeitos negativos que o consumo de álcool, nos últimos anos da infância, poderia ter no seu desempenho escolar nos últimos anos da adolescência. Para tal consideraram-se, separadamente,

vários níveis de envolvimento no consumo de álcool. Como se verá nas páginas que se seguem, compararam-se primeiro os que nunca consumiram álcool com os que admitiram tê-lo consumido alguma vez, passando-se depois à comparação dos que consumiram bebidas alcoólicas durante os anos do ensino básico com o resto da amostra, bem como à comparação entre os que se embriagaram e os que nunca se embriagaram. Por fim, compararam-se os que apresentavam um padrão de consumo precoce e persistente de álcool com os que nunca experimentaram bebidas alcoólicas.

A abstinência do álcool conduzirá a melhores desempenhos académicos?

Para responder a esta questão, distribuíram-se os participantes por dois grupos: os que nunca consumiram álcool nas quatro avaliações (*abstinentes*) e o resto da amostra (ou seja, os que numa ou noutra ocasião referiam ter bebido álcool). Estes dois grupos foram comparados nas diversas medidas de desempenho académico atrás mencionadas, utilizando-se para esse efeito as técnicas da análise de variância e do teste do qui-quadrado.

Os resultados não mostraram qualquer diferença estatisticamente significativa entre os dois grupos nem no número de repetências nem no número de negativas no último ano nem no abandono escolar. E este padrão de resultados, na coorte mais jovem, foi confirmado nas análises de dados da coorte intermédia, onde o grupo dos abstinentes era constituído pelos jovens que referiam não ter bebido nas duas avaliações a que foram sujeitos.

No conjunto, estes dados sugerem que o abster-se de bebidas alcoólicas, durante a adolescência, não se traduz necessariamente num percurso escolar mais bem sucedido, contradizendo assim as conclusões de estudos que apresentam um efeito negativo acentuado do consumo de álcool no desempenho escolar dos jovens. Uma possível explicação para esta discrepância é a de que os danos resultantes do álcool só aparecem nos casos mais graves, designadamente nos casos de consumo precoce, consumo intenso ou consumo persistente.

Consumo precoce de álcool e desempenho escolar

Como anteriormente se referiu, na primeira avaliação da coorte mais jovem, por volta dos 7-8 anos de idade, já havia cerca de 10% dos participantes que admitiam ter consumido algum tipo de bebida alcoólica nos últimos doze meses, o mesmo acontecendo na coorte intermédia. A comparação deste grupo de consumo precoce com o resto da amostra na coorte mais jovem revelou uma diferença estatisticamente significativa no número de repetências ($F(1,398) = 15.276$; $p < .001$), sendo estas mais frequentes no grupo de consumo precoce. Mas, a diferença desaparecia quando

se controlavam, através de uma análise de co-variância, os efeitos das dificuldades de aprendizagem referidas pelos professores, logo no início do ensino básico (isto é, no 2º ano de escolaridade). Além disso, não se encontrou qualquer associação significativa entre consumo precoce de álcool e abandono escolar.

Quando se compararam esses dois grupos na coorte intermédia, não se obteve nenhum efeito significativo do consumo precoce do álcool no número de repetências, nem nas negativas do último ano. Do mesmo modo, não se observou nenhuma relação significativa do consumo precoce de álcool com o abandono escolar, no teste do qui-quadrado.

Uma possível explicação para esta ausência generalizada de diferenças significativas entre os dois grupos reside provavelmente no facto de o consumo precoce de álcool, tal como aqui foi definido, ser apenas um fenómeno de experimentação ocasional que tende a desaparecer com a idade. Um argumento a favor dessa interpretação está no facto de poucos dos participantes que confessavam já ter bebido, aquando da primeira avaliação, continuarem a admitir esse tipo de conduta nas avaliações subsequentes.

Consumo intenso de álcool (embriagar-se) e desempenho escolar

Como na terceira e quarta avaliação da coorte mais jovem e na segunda (e última) avaliação da coorte intermédia se recolheram informações sobre a frequência do consumo excessivo de álcool (isto é, *embebedar-se*), foi possível analisar o efeito deste padrão de consumo no seu desempenho escolar.

No caso da coorte mais nova levaram-se a cabo dois tipos de análises estatísticas. Uma de natureza longitudinal, explorando os efeitos da embriaguez aos 14-15 anos sobre o desempenho escolar aos 17-18 anos de idade. Outra, de natureza transversal, explorando a relação concomitante entre embriaguez e desempenho académico, aquando da última avaliação, aos 17-18 anos de idade.

A comparação dos que se embriagaram alguma vez aos 14-15 anos com os que não se embriagaram mostrou que os indivíduos do primeiro grupo tinham mais repetências [$F(1,398)=12.201, p<.01$] do que os do segundo grupo. Mas essas diferenças desapareciam quando se controlava, através de uma análise de co-variância, os efeitos de outras características dos alunos, designadamente as suas dificuldades de aprendizagem e os seus comportamentos externalizantes referidos pelos professores, aquando da primeira avaliação, aos 7-8 anos de idade. Além disso, os resultados de análises com o teste do qui-quadrado revelaram uma associação estatisticamente significativa da embriaguez aos 14-15 anos de idade com o abandono escolar [$X^2(1$

= 14.08 ; $p < .001$]. Nenhuma diferença significativa foi encontrada entre os dois grupos no número de negativas referido pelos alunos.

A situação não era muito diferente quando se efectuaram análises concomitantes da relação entre embriaguez e o desempenho escolar, aos 17-18 anos de idade. Assim obteve-se uma forte associação entre consumo de álcool e abandono escolar [$X^2(1)=27.40$; $p<.001$] e uma diferença significativa entre os dois grupos no número de repetências [$F(1,398)=16.648$; $p<.01$]. Mas esta diferença desaparecia quando se controlava o efeito das dificuldades de aprendizagem e da hiperactividade reportada pelos professores aos 7-8 anos de idade.

Finalmente, na coorte intermédia, onde a informação sobre o embriagar-se foi recolhida apenas uma vez, aos 17-18 anos de idade, não se obtiveram diferenças significativas entre os dois grupos no número de repetências, nem no número de negativas. Seria interessante verificar se o mesmo padrão de resultados aparecerá quando, mais tarde, se tornar a examinar o desempenho académico destes jovens, por exemplo, a nível universitário. Do mesmo modo, não se encontrou nenhuma associação significativa entre a embriaguez e o abandono escolar.

No conjunto, estes dados sugerem que o facto de os jovens se embriagarem alguma vez (no último ano) não parece ter um efeito específico importante sobre o seu rendimento escolar.

Efeitos do consumo precoce e persistente de bebidas alcoólicas

Dada a natureza longitudinal desta investigação foi possível identificar os que admitiam ter consumido álcool na primeira e na última avaliação, ou seja aos 7-8 anos e aos 17-18 anos de idade, na coorte mais jovem. A comparação deste pequeno subgrupo com o resto da amostra revelou que estes consumidores persistentes da coorte mais nova ($n=28$) apresentavam mais repetências [$F(1, 443) = 13.245$, $p < .001$]. Mas essa diferença desaparecia quando se controlava o efeito de outras variáveis, designadamente as dificuldades de aprendizagem referidas pelos professores. Do mesmo modo, não se encontrou nenhuma diferença significativa entre estes dois grupos nas negativas nem no nível escolar atingido aquando da última avaliação. Registou-se, porém, uma associação significativa entre o consumo persistente de álcool e o abandono escolar [$X^2(1)=4.02$, $p<.05$]. No geral, os resultados eram muito semelhantes para a coorte intermédia, onde foram também identificados alunos que admitiam ter consumido bebidas alcoólicas aos 9-10 anos e aos 17-18 anos de idade. Ou seja, a sua comparação com o resto da amostra não revelou qualquer diferença significativa nas medidas de desempenho escolar por nós utilizadas.

4. Discussão e conclusões

A primeira conclusão que destes dados se pode retirar é a de que o consumo de álcool está bastante generalizado na adolescência e mesmo já nos últimos anos da infância. Assim, apesar das notícias de que há uma diminuição clara do seu consumo em vários países (Donovan, 2007), em Portugal o consumo de álcool entre adolescentes continua elevado, particularmente no sexo masculino. E a prevalência desse tipo de conduta aumenta claramente com a idade, sobretudo a partir dos 14-15 anos. De modo geral, os valores por nós obtidos estão em sintonia com os referidos por outros investigadores noutros países, apesar de diferenças metodológicas e culturais evidentes nesses estudos. Por exemplo, no *Monitoring the Future Survey* (nos EUA), verificou-se que cerca de 75% dos adolescentes tinham experimentado o álcool nos últimos anos do ensino secundário e que 40% já tinham feito essa experiência no oitavo ano de escolaridade (Johnston et al., 2006).

Uma outra conclusão interessante do presente estudo é a de que as diferenças sexuais no domínio do consumo de álcool tendem a aumentar com a idade, de modo particular nas formas mais graves de consumo de álcool, designadamente na embriaguez. Este padrão de desenvolvimento parece contradizer os resultados de diversos estudos anteriores, segundo os quais, “quanto mais velhas as crianças, menores serão as diferenças sexuais no consumo de álcool” (Donovan, 2007). É certo que muitos desses estudos envolviam amostras mais velhas, frequentemente estudantes universitários. Seria, por isso, interessante examinar, em futuras avaliações destas nossas duas coortes, se as tendências por nós até agora observadas, a nível das prevalências e das diferenças sexuais, se mantêm ou se se alteram quando os mesmos indivíduos chegarem à idade adulta.

No que se refere, mais especificamente, às consequências negativas do consumo de álcool sobre o desempenho académico, os nossos resultados mostram que esse efeito é menor do que geralmente vem referido na literatura. De facto, as raras diferenças obtidas entre os que beberam e os que não beberam pareciam facilmente explicadas por outros factores da infância, tais como dificuldades de aprendizagem ou problemas de atenção/ hiperactividade observados pelos professores, logo nos primeiros anos de escolaridade. Isso significa que estas variáveis deveriam ser incluídas em futuros programas de prevenção no domínio do consumo de droga.

À primeira vista tais resultados não se encontram em sintonia com o discurso dominante no nosso meio sobre os malefícios do consumo de álcool em geral e sobre as suas consequências nocivas para a saúde e para o desempenho académico dos jovens em particular. Uma possível explicação para essa discrepância é que os nossos resultados dizem respeito a uma amostra de crianças e adolescentes da comunidade,

ou seja, indivíduos normais que consomem álcool apenas ocasionalmente. É possível que a situação se revelasse muito diferente se o estudo incidisse apenas sobre grupos de jovens com graves problemas de alcoolismo. Tais jovens apresentam, frequentemente, um vasto leque de outros problemas graves, designadamente uma história escolar marcada por repetências sucessivas e pelo abandono. Mas dado que se trata de indivíduos multi-problemáticos, torna-se difícil distinguir, nesses casos, o que é a consequência do consumo precoce de álcool do que resulta de outros problemas associados da infância.

É também possível que as consequências negativas do consumo, sobretudo do consumo ocasional nestas idades, sejam relativamente modestas e passageiras. A esse propósito, convém não esquecer que os dados de um estudo recentemente realizado nos EUA indicaram que os alunos que mais álcool consumiam aos 18 anos, no fim da escola secundária, eram os que tinham também melhores resultados na Universidade, aos 22 anos; e esse efeito era particularmente notório nas raparigas (Bachman et al., 2007). Ainda de acordo com essas investigações, o aparente efeito negativo do álcool no desempenho académico dos jovens seria mais bem explicado por outros factores concomitantes, tais como o meio de origem, os comportamentos anti-sociais ou o fraco desempenho escolar na adolescência.

Analizando a mesma questão, outros autores referem, ainda, ser possível que o efeito do consumo moderado de álcool no ensino regular só se venha a manifestar muito mais tarde e de um modo indirecto (Brown et al., 2000). Nesse sentido, seria interessante examinar se os resultados aqui apresentados sobre os efeitos do consumo de álcool no rendimento escolar se confirmarão quando os mesmos participantes forem avaliados novamente, no início da idade adulta, após terem concluído os estudos superiores e feito a transição para o mundo do trabalho. Finalmente, uma outra explicação para esta ausência de um efeito do consumo de álcool é que as repetências e o abandono escolar na adolescência constituem um dado quase normativo na adolescência em Portugal. Isto dificultaria o aparecimento de diferenças significativas entre os consumidores e os não consumidores de álcool (Hops et al., 2000).

Mesmo assim, é importante ressaltar que embora não se tenha encontrado aqui um efeito negativo generalizado e sistemático do consumo de álcool sobre o desempenho escolar na adolescência, isso não significa que tais efeitos negativos não apareçam noutros domínios, designadamente a nível da saúde física e mental bem como ao nível do relacionamento interpessoal e do bem estar pessoal e social.

Quadro 1. Prevalência do consumo de vários tipos de bebidas alcoólicas.**A. Coorte mais jovem**

Consumo de substâncias (SRA) _ 7-8 anos	Nunca		1 ou 2 vezes		Várias vezes	
	♂	♀	♂	♀	♂	♀
20. Beber, às escondidas, um pouco de cerveja	91.6	98	5.9	1.5	2.5	0.5
21. Beber, às escondidas, um pouco de vinho	96.7	100	2.5	0	0.8	0
22. Beber, às escondidas, bebidas destiladas (por ex., uísque, aguardente, licor)	97.9	100	1.3	0	1.8	0
23. Beber bebidas alcoólicas com os amigos, fora de casa	97.9	99	2.1	0	0	1
Consumo de substâncias (SRA) _ 11-12 anos	Nunca		1 ou 2 vezes		Várias vezes	
	♂	♀	♂	♀	♂	♀
20. Beber, às escondidas, um pouco de cerveja	91.2	97.4	6.6	2	2.2	0.5
21. Beber, às escondidas, um pouco de vinho	96.5	99	3.1	0.5	0.4	0.5
22. Beber, às escondidas, bebidas destiladas (por ex., uísque, aguardente, licor)	94.7	99	4.4	0.5	0.9	0.5
23. Beber bebidas alcoólicas com os amigos, fora de casa	93.8	97.5	4.9	1.5	1.3	0.5
Consumo de substâncias (SRA) _ 14-15 anos	Nunca		1 ou 2 vezes		Várias vezes	
	♂	♀	♂	♀	♂	♀
36. Beber cerveja numa festa	67.7	75.3	22.3	22.2	10	2.5
37. Beber vinho numa festa	91	95.4	5	4.1	4.1	0.5
38. Beber bebidas destiladas (p. ex. whisky, aguardente, licor)	72.9	76.6	19.9	18.3	7.2	5.1
39. Ficar bêbedo(a)	83.3	83.7	13.1	13.8	3.6	2.6
Consumo de Substâncias (SRA) _ 17-18 anos	Nunca		1 ou 2 vezes		Várias vezes	
	♂	♀	♂	♀	♂	♀
36. Beber cerveja numa festa	19.4	49.5	27.2	30.8	53.4	19.8
37. Beber vinho numa festa	57.1	69.9	21	20.2	22	9.8
38. Beber bebidas destiladas (p. ex. whisky, aguardente, licor)	36.6	51.1	33.7	35.7	29.8	13.2
39. Ficar bêbedo(a)	44	73.3	38.6	22.8	17.4	3.9

SRA – Self-reported antisocial behavior

B. Coorte intermédia

Consumo de Substâncias (SRA) _ 9-10 anos	Nunca		1 ou 2 vezes		Várias vezes	
	♂	♀	♂	♀	♂	♀
20. Beber, às escondidas, um pouco de cerveja	96.6	98.6	3.4	0.9	0	0.5
21. Beber, às escondidas, um pouco de vinho	99.6	100	0.4	0	0	0
22. Beber, às escondidas, bebidas destiladas (por ex., uísque, aguardente, licor)	99.6	99.5	0	0	0.4	0.5
23. Beber bebidas alcoólicas com os amigos, fora de casa	99.6	99.5	0.4	0	0	0.5
Consumo de Substâncias (SRA) _ 17-18 anos	Nunca		1 ou 2 vezes		Várias vezes	
	♂	♀	♂	♀	♂	♀
36. Beber cerveja numa festa	41.5	64.1	21.3	29.8	37.2	6.1
37. Beber vinho numa festa	66.8	84.8	15.9	13.1	17.3	2
38. Beber bebidas destiladas (p. ex. whisky, aguardente, licor)	35.5	59.6	31.3	33.3	33.2	7.1
39. Ficar bêbedo(a)	47.6	81.3	30	17.2	22.4	1.5

SRA – Self-reported antisocial behavior

Referências bibliográficas

- Achenbach, T. M. (1991a). *Manual for the Child Behavior Checklist/ 4-18 and 1991 Profile*. Burlington: University of Vermont.
- Achenbach, T. M. (1991b). *Manual for the Teacher Report Form and 1991 Profile*. Burlington: University of Vermont.
- Achenbach, T. M. (1991c). *Manual for the Youth Self-Report and 1991 Profile*. Burlington: University of Vermont.
- Aebi, M. F. & Jaquier, V. (2008). Les Sondages de Délinquance autoreportée: origines, fiabilité et validité. *Déviance et Société*, 32(2), pp. 205-227.
- Bachman, R. & Peralta, R. (2002). The relationship between drinking and violence in an adolescent population: does gender matter? *Deviant Behavior: An Interdisciplinary Journal*, 23, pp. 1-19.
- Bachman, J.G. O'Malley, P.M., Shulenberg J.E. Johnston, L.D., Freedman-Doan, P. & Messersmith, E.E. (2007). *The Education-Drug use connection*. New York: Lawrence Erlbaum Associates/Taylor & Francis.
- Brown et al. (2000). Neurocognitive functioning of adolescents: Effects of protracted alcohol use. *Alcoholism: Clinical and Experimental Research*, 24, pp. 164-171.
- Diário de Notícias 28-04-09 (Consultado na internet).
- Donovan, J. E. et al. (2004). Really underage drinkers: Alcohol use among elementary students. *Alcoholism: Clinical and Experimental Research*, 28(2), pp. 341-349.
- Donovan, J. E. (2007). Really underage drinkers: The epidemiology of children's alcohol use in the United States. *Prevention Science*, 8, pp. 192-205.
- Engberg, J. & Morral, A. R. (2006). Reducing substance use improves adolescents' school attendance. *Addiction*, 101, pp. 1741-1751.
- ESPAD (European School Survey on Alcohol and other drugs) (2007). *Relatório ESPAD 2007 - Consumo de substâncias entre os alunos de 35 países europeus*. Lisboa: Instituto da Droga e da Toxicodependência.
- European Monitoring Centre on Drugs and Drug Addiction (2003). *Annual report on drug situation*. Lisboa: Instituto da Droga e da Toxicodependência.
- Feijão, F. & Lavado, E. (2004). Evolução do consumo de drogas na adolescência: Ruptura ou continuidade? *Toxicodependências*, 10(3), pp. 31-47.
- Fonseca, A. C. & Taborda-Simões, M. C. (2004). Comportamento anti-social: técnicas e instrumentos de avaliação. In A. C. Fonseca (Ed.). *Comportamento Anti-social e Crime: da Infância à Idade Adulta* (pp. 39-72). Coimbra: Almedina.
- Goyette, C. et al. (1978). Normative data on revised Conners' parent and teaching rating scales. *Journal of Abnormal Child Psychology*, 6, pp. 221-238.
- Hops, H., Andrews, J. A., Duncan, S. C., Duncan, T. E. & Tildesley, E. (2000). Adolescent drug use development. In A. J. Sameroff, M. Lewis & S. M. Miller (Eds.), *Handbook of Developmental Psychopathology* (pp. 589-605). New York: Academic Press.
- Instituto da Droga e da Toxicodependência. Observatório de Drogas e Toxicodependências, Núcleo de Estatística (2005). *Relatório Anual 2005: A situação do país em matéria de drogas e toxicodependências*. Lisboa: Instituto da Droga e da Toxicodependência.

- Instituto da Droga e da Toxicodependência (2006). *Relatório Anual 2006: A situação do País em Matéria de Droga e Toxicodependências*. Lisboa: I.D.T.
- Johnston et al. (2006). *Monitoring the Future national survey results on drug use, 1975-2005: Volume I. Secondary school students*. Bethesda: National Institute on Drug Abuse.
- King, K. M., Meehan, B., Trim, R. S. & Chassin, L. (2006). Substance use and academic outcomes: Synthesizing findings and future directions. *Addiction*, 101(12), pp. 1688-1690.
- Loeber, R., Stouthamer-Loeber, M., Van Kammen, W. B., & Farrington, D.P (1989). Development of a new measure of self-reported antisocial behavior for young children: Prevalence and reliability. In M. Klein (Ed.), *Cross-national research in self-reported crime and delinquency* (pp. 203-225). Dordrecht, The Netherlands: Kluwer.
- Loeber, R., Farrington, D., Stouthamer-Loeber, M., & Van Kammen, W. (1998). *Antisocial Behavior and Mental Health Problems: Explanatory Factors in Childhood and Adolescence*. London: Lawrence Erlbaum Associates, Publishers.
- Matos, M. G., Simões, C., Gaspar, T., Tomé, G., Ferreira, M., Linhares, F., Diniz, J. A. & Equipa do Projecto Aventura Social (2007). *Aventura Social & Saúde: Consumo de substâncias nos adolescentes portugueses*. Aventura Social – relatório.
- McCluskey, C. P., Krohn, M. D., Lizotte, A. J. & Rodriguez, M. L. (2002). Early substance use and school achievement: an examination of latino, white and African American youth. *Journal of Drug Issues*, 2(3), pp. 921-944.
- OECD (Organisation for Economic Co-operation Development) (2007). *OECD Annual Report*. Paris: OECD.
- Rassool, G.H., (2009). *Alcohol and Drug Misuse: A Handbook for Students and Health Professionals*. London: Routledge Taylor & Francis Group.
- Rebello, A. & Fonseca, A. C. (2009). Caracterização de alunos repetentes: Um estudo na região de Coimbra. *Psychologica*, n.º 51, pp. 189-208.
- Simões, A., Ferreira, J., Fonseca, A. & Rebello, J.A. (1995). Um estudo dos distúrbios do comportamento e dificuldades de aprendizagem no ensino básico: Opções metodológicas. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, XXIX, (2), pp. 55-68.
- Taborda-Simões, M. C. et al. (2008). Abandono escolar precoce: Dados de uma investigação empírica. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, 42(1), pp. 135-151.
- Vieira, D. L., Ribeiro, M., Romano, M., & Laranjeira, R. R. (2007). Álcool e adolescentes: estudo para implementar políticas municipais. *Revista Saúde Pública*, 41(3), pp. 396-403.
- Vinagre, M. G. & Lima, M.L. (2006). Consumo de álcool, tabaco e droga em adolescentes: Experiências e julgamentos de risco. *Psicologia, Saúde e Doença*, 7(1), pp. 73-81.
- Warner, J. (1998). Historical perspectives on the shifting boundaries around youth and alcohol. The example of pre-industrial England, 1350-1750. *Addiction*, 93(5), pp. 641-657.

Abstract

Alcohol use and school underachievement are two important challenges for youths in many countries. Although both problems often appear associated with each other, so far little is known about the meaning and direction of this relationship.

In this paper, we aimed to examine the effects of several patterns of serious drinking on the academic attainment across adolescence, in Portugal.

Data were drawn from a longitudinal study in which a large sample of boys and girls were followed-up from the early grade levels in elementary school until the age of 17-18 years, when they were expected to graduate from secondary school.

Information on alcohol use was gathered through several items included in a questionnaire of self-reported antisocial behaviour, whereas data on academic attainment were obtained through several items of an interview administered to the participants in this study, at the end of adolescence, or from the last schools they attended during the follow-up.

Results showed that alcohol drinking was already present in the elementary school and increased with age/grade level, to become almost normative at the end of adolescence, particularly among males. As to the negative effects of alcohol use, there were no significant differences in academic attainment between those who abstained from drinking and those who experimented alcohol sometimes during adolescence. In addition, when we compared groups involved in more serious patterns of drinking (e.g. early starters, intensive drinkers or persistent drinkers) with their peers, there were some significant differences in grade retentions, which disappeared when we controlled for other childhood factors such as early learning difficulties or attention problems reported by teachers, in elementary schools.

Altogether, the findings of this study do not provide strong support to the view that alcohol use in childhood and adolescence has a direct negative effect in academic achievement. It would be interesting to examine whether the same pattern of results will be found in groups with more serious forms of alcohol use (e.g. alcohol dependence and juvenile alcoholism) or when we assess the same people in their early adulthood.

Résumé

La consommation d'alcool et l'insuccès scolaire représentent deux défis importants pour les jeunes d'aujourd'hui en plusieurs pays. Mais quoique les deux problèmes apparaissent fréquemment associés chez les mêmes individus, le sens de cette relation reste encore à expliquer.

L'objectif de cette étude est analyser les effets de différentes tendances de consommation d'alcool sur la réalisation scolaire pendant l'adolescence, au Portugal.

On a utilisé, pour cela, les données d'une étude longitudinale, dans laquelle un large échantillon d'élèves des écoles publiques de Coimbra a été suivi, dès les premières années de l'école primaire jusqu'à 17-18 ans, âge auquel ils devraient finir le lycée.

Les informations sur la consommation d'alcool étaient recueillies à travers les réponses à quatre questions d'un questionnaire de comportements anti-sociaux. Les informations sur la réalisation scolaire (ou plutôt sur l'échec) étaient obtenues à travers d'une interview aux participants dans cette étude, quand ils avaient l'âge de 17-18 ans, si bien qu'à travers des renseignements obtenus auprès des dernières écoles qu'ils avaient cependant fréquentées. Les résultats ont montré qu'il y avait de la consommation d'alcool déjà dans l'école primaire, ce qui augmentait avec l'âge, pour devenir un phénomène presque normatif à la fin de l'adolescence, surtout parmi les garçons. En ce qui concerne les effets de l'alcool, on n'a pas trouvé des différences statistiquement significantes entre ceux qui n'ont jamais bu (abstinents) et ceux qui confessaient avoir bu quelques fois, dans la réalisation scolaire. En outre, quand on a comparé ceux qui avaient des tendances plus graves de consommation (précoce, intense ou persistante) avec le reste de l'échantillon, on trouvait des différences significantes dans le nombre d'années doublées; mais elles disparaissaient quand on contrôlait l'effet d'autres facteurs de l'enfance, tels que les difficultés d'apprentissage ou les problèmes d'attention signalés par les enseignants à l'école primaire.

Ainsi, ces résultats semblent appuyer l'idée que la consommation d'alcool par les jeunes gens (surtout la consommation expérimentale ou occasionnelle) n'affecte pas leur réalisation scolaire. Il serait intéressant de vérifier, maintenant, si la même tendance de résultats apparaît quand on étudie des formes plus graves de consommation d'alcool, notamment des cas de dépendance ou d'alcoolisme juvénile, et quand on examine ces mêmes individus, plus tard, à l'âge adulte.